



ESTUDO TEÓRICO DO SUFIXO NOMINALIZADOR -URA: COMO DESCREVÊ-LO?

THEORETICAL STUDY OF NOMINALIZER -URA SUFFIX: HOW TO DESCRIBE IT?

Ana Carolina Mrad de Moura Valente

Mestre em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Brasil.

anacmrاد@gmail.com

Resumo

Levando em consideração os diversos estudos que se tem em Língua Portuguesa sobre nominalização e buscando verificar de que maneira determinado afixo é abordado, o presente artigo tem por objetivo fazer um levantamento dos estudos sobre nominalização e mais especificamente sobre o sufixo-*ura* em português. Dessa forma, este trabalho versará sobre as diversas abordagens atribuídas ao afixo e apresentará uma possibilidade de análise a partir dessa seleção de informações encontradas.

Palavras-chave: nominalização, sincronia, diacronia.

Abstract

Taking into account the different studies about nominalization in Portuguese and seeking to verify how one affix in particular is approached, this article aims to survey the studies on nominalization by the suffix-*ura* in Portuguese. Thus, this work will focus on the various approaches attributed to affix and will present one possibility of analysis from that selection of information found.

Keywords: nominalization, synchronic, diachronic.

1. Introdução

Neste trabalho, objetivamos fazer um levantamento dos estudos calcados nas atuais correntes da chamada Linguística de Uso que mostram que o sufixo *-ura* em análise achou seu nicho de produtividade na atual sincronia do português, diferenciando-se da produtividade que apresentava em sua origem latina que era a de formar nominalizadores a partir de uma base participial, como afirmam Nascentes (1955), Maurer Jr. (1959), dentre outros. Assim, descrever e analisar os percursos e os inúmeros percalços da história de *-ura* é o objetivo deste artigo. Dessa forma, mostramos que, além de formar novas palavras, o afixo contribui para a formação do léxico do Português, por meio de processos de intensificação que trazem mais significados à língua e interferem no discurso.

2. Levantamento teórico

O processo de nominalização em português vem sendo amplamente estudado por autores como Basilio (1980) e Lemos de Souza (2010), dentre tantos outros, por ser um processo altamente produtivo em nossa língua. Tradicionalmente, entende-se por nominalização o processo de formação de nomes a partir de verbos, carregando esses produtos as propriedades da sua base verbal, visão esta diferente da abordagem de alguns teóricos em morfologia como Basilio (1980) e Sandmann (1988), por exemplo.

Basilio, linguista que se dedica há tempos ao estudo da morfologia do português, possui alguns trabalhos de referência sobre o tema, como é o caso de *Estruturas Lexicais do Português: uma abordagem gerativa* (1979) e *Teoria Lexical* (2007 [1987]), considerados leitura essencial para quem se inicia nessa área de pesquisa. Em seu trabalho de 1979, Basilio compreende a nominalização como o resultado de uma relação paradigmática entre os verbos e os nomes no léxico e não somente um processo em que um nome é derivado de um verbo. Segundo a autora,

A rejeição da ideia de que os verbos são básicos nas nominalizações não é nova. (...) O termo 'nominalização' deverá cobrir não apenas nomes deverbais, mas também nomes morfologicamente básicos associados a verbos. Mais especificamente, a nominalização é um processo de associação lexical sistemática entre nomes e verbos. (Basílio: 1979, 73-74)

De acordo com essa visão, podemos perceber que a autora vai contra a ideia básica levantada pela visão tradicional apresentada a seguir e aprofunda essa análise no segundo trabalho citado. Para Basilio,

Damos o nome geral de ‘nominalização’ ao conjunto de processos que formam substantivos de adjetivos e, sobretudo, de verbos. A nominalização é um dos casos mais complexos de formação de palavras no que diz respeito à determinação da função, pois os vários processos de formação de substantivos podem apresentar funções múltiplas simultâneas. (Basilio: 2007, 77)

Essas funções múltiplas as quais se refere a autora são as funções sintática, discursivo-pragmática e semântica¹, na medida em que a nominalização atinge vários níveis de análise (cf. KATO, 1986). Quer-se com isso dizer que o processo de nominalização apresenta função mista, já que não tem por objetivo somente formar nomes a partir de verbos, ou seja, é mais do que um simples processo de derivação.

Outra informação altamente relevante que pode ser retirada de ambas as citações é o fato de se considerar que a nominalização pode ocorrer tendo como base um adjetivo e não apenas verbos, o que é de grande valor para o presente estudo, já que o afixo nominalizador *-ura* pode se anexar a ambas as bases, como será descrito mais adiante.

Dessa forma, no presente capítulo, temos por objetivo traçar um panorama sobre os estudos existentes na literatura morfológica sobre o sufixo *-ura*, bem como apresentar a perspectiva da tradição gramatical a fim de delinear os caminhos pelos quais passou a descrição desse afixo até a presente proposta de trabalho.

Na seção 2.1, faremos um levantamento do que nos informa a perspectiva tradicional acerca do tema, ou seja, quais as visões dos inúmeros gramáticos sobre o processo de nominalização no português a partir do sufixo *-ura*. Em 2.2, faremos um breve levantamento

¹ A função sintática diz respeito à possibilidade de um termo nominalizado poder ocupar inúmeros lugares dentro da sentença, ampliando, assim, o campo de atuação da palavra base. Dito de outra maneira, a passagem de um verbo a um substantivo, por exemplo, apresenta-se como um “requisito de adequação sintática às estruturas nominais” (BASILIO, 2007:78). A função discursivo-pragmática faz referência ao uso do substantivo derivado dentro de um contexto discursivo, ativando, portanto, os conceitos de focalização e topicalização que serão discutidos a seguir, na medida em que o uso de um substantivo no lugar de um verbo, por exemplo, pode deixar de focalizar o agente para se voltar para o objeto como nos exemplos abaixo:

(i) Júlia **comprou** um carro.

(ii) A **compra** do carro foi a melhor coisa que ela fez nesses últimos anos.

Por fim, a função semântica citada pela autora é a de denominação, pois a nominalização tem por característica permitir que se faça referência a um processo verbal em forma de evento, por exemplo. No entanto, veremos que não é apenas essa a função semântica exercida pela nominalização.

sobre os estudos especializados em literatura morfológica, buscando obter as diferentes visões e abordagens dos linguistas especializados em morfologia.

Além disso, também se fez necessário que buscássemos informações nas gramáticas históricas de Língua Portuguesa, já que *-ura* é um afixo de origem latina e, portanto, está na língua desde a sua formação, podendo ter sofrido modificações em seu significado. Por isso, em 2.3., fazemos esse levantamento a fim de verificar a origem de *-ura* e como esse sufixo é visto e analisado nas gramáticas históricas. Por fim, na seção 2.4., apresentamos as diferentes visões sobre essa ótica e os argumentos a favor de uma ou outra análise.

2.1. A Perspectiva Tradicional

Partindo para a descrição do processo de acordo com o que afirmam as gramáticas tradicionais (CUNHA & CINTRA, 2007; BECHARA, 2009; LUFT, 1990), pudemos constatar que o afixo não possui grande espaço para descrição nesses compêndios, pois os mesmos somente citam-no como sufixo formador de substantivos a partir de verbos e adjetivos, sem informar qual seria a sua acepção ou fazer qualquer outra análise que o distinga de outros afixos nominalizadores como *-ção*, *-mento* e *-oso*, por exemplo, sendo os dois primeiros afixos deverbais e o último, deadjetival.

No entanto, Rocha Lima (2008) destaca-se dentre os demais gramáticos, por acrescentar informações novas acerca do afixo, já que aponta para a existência de afixos diferentes na nominalização a partir de verbos e na nominalização a partir de adjetivos. Segundo Rocha Lima, quando esse processo tiver por base um verbo, os afixos utilizados serão *-tura*, *-dura* e *-sura*, como em *assinatura*, *assadura* e *clausura*. Em contrapartida, quando a base for adjetival, o afixo a ser utilizado será o *-ura*, como em *amargura*, *ternura* e *loucura*, que se anexam, respectivamente, aos adjetivos *amargo*, *terno* e *louco*, nessa ordem.

O afixo em questão, portanto, não é muito analisado pelas gramáticas tradicionais, o que abre espaço para uma análise mais detalhada do mesmo. Apesar de ser somente citado pela maioria e, principalmente, ser analisado superficialmente por um deles – levando-se em consideração que o objetivo principal das gramáticas tradicionais não é desenvolver detalhadamente todos os aspectos específicos da língua e sim descrevê-la em seus aspectos mais gerais – consideramos que *-ura* é um afixo relevante para análise, pois pouco se sabe sobre suas diversas acepções e sobre o processo de nominalização que desencadeia.

2.2. A perspectiva dos teóricos em morfologia

Prosseguindo para uma melhor descrição do processo, recorreremos à literatura de cunho derivacional e a pesquisas linguísticas nesse campo, a fim de dar continuidade ao entendimento do afixo ora analisado. No entanto, também nessa linha de investigação, não encontramos maiores informações sobre o formativo. Dentre os autores pesquisados, Sandmann (1988) ressalta que o sufixo *-ura* parece não ser mais produtivo em português, embora afirme que nem sempre foi assim, citando a palavra *laqueadura* como uma formação recente na língua. Não há referência ao sufixo em questão em manuais de morfologia do português, como Monteiro (1988), Kehdi (1989), Laroca (1994) e Carone (1990).

Já o trabalho de Coelho (2008), por sua vez, descreve o processo de nominalização em português por meio do sufixo *-ura*, sendo, portanto, dentre todos os trabalhos acerca desse afixo, o único com maior aprofundamento sobre o formativo. Contudo, apesar dessa proposta inicial, a autora limita-se a falar sobre a morfologia categorial², explicar em que consiste essa linha de investigação e tratar dos critérios para exclusão de vocábulos do *corpus*. Porém, ainda assim, Coelho levanta algumas questões importantes sobre o afixo em estudo a que pretendemos responder nesta dissertação: (1) se o *-ura* é um caso de afixo polissêmico ou homônimo; e (2) se existe somente um afixo com variantes fonológicas ou se *-ura*, *-tura* e *-dura* são afixos diferentes.

Além disso, a autora discorre sobre as palavras-base da nominalização por intermédio desse afixo, afirmando serem elas adjetivas ou participais, sendo esta última explicada pela autora a partir de dois motivos. O primeiro deles é o fato de o adjetivo e o particípio terem características semelhantes e poderem ser analisados sob o mesmo rótulo, apesar das diferenças existentes. O segundo motivo diz respeito à permanência da vogal temática em alguns casos e à falta dela em outros, o que pode ser explicado a partir da ideia de que esse afixo se une a bases participiais, sejam elas regulares ou irregulares, como é o caso de *andadura*, que mantém a vogal temática, visto que o afixo se anexa ao particípio regular do verbo *andar*; e *fritura*, que não apresenta a vogal temática em sua forma por derivar do particípio irregular *frito*. Portanto, caso entendêssemos que esse sufixo se une a bases verbais, teríamos de encontrar explicações para a presença ou ausência da vogal temática verbal, além

² Segundo Coelho (2008), a morfologia categorial aborda o léxico composicionalmente sem fazer qualquer distinção entre estrutura profunda e estrutura superficial na medida em que o mecanismo de hierarquia de aplicação de regras não existe nessa linha teórica. Assim, “dentro da GC (gramática categorial), a visualização composicional das estruturas complexas (...) é sempre relevante e clara, pois (...) parte-se dos itens lexicais”. (COELHO, 2008:5)

de interpretar o /d/, por exemplo, como uma consoante de ligação ou parte de um novo afixo, o que não seria nada econômico para o estudo.

Quanto ao segundo questionamento levantado acima, se *-ura*, *-tura* e *-dura* são afixos diferentes, Coelho (2008) afirma serem diferentes formas fonológicas de um mesmo afixo, contradizendo-se, portanto, já que a mesma considera participiais as bases a que se adjunge o afixo. Sendo assim, ao considerar que *-ura* se une a participípios verbais, considera-se também, mesmo indiretamente, que os elementos /t/ e /d/ fazem parte do radical e, dessa forma, não podem ser considerados como diferentes formas fonológicas de um mesmo sufixo.

Com base no levantamento do *corpus* realizado para este trabalho, pudemos perceber que a grande maioria das bases que sofrem o processo de nominalização por intermédio de *-ura* são participiais e, quando os derivados advêm diretamente do latim, ainda se mantém a relação de se anexar esse afixo a uma base de natureza adjetival. Como exemplo, podemos citar *abreviatura*, que é uma palavra originalmente latina. Nesse caso, a nominalização ocorreu ainda na língua de origem e foi realizada a partir da anexação do afixo *-ura* ao participípio passado do verbo *abreviare*. Esse fato, portanto, nos remete à visão de França & Lemle (2003) acerca desse afixo com base no modelo da morfologia distribuída³. Segundo as autoras, a nominalização por *-ura*, sempre anexado a bases participiais é explicada a partir da premissa de que no latim isso já ocorria e o português manteve essa relação e esse padrão de formação. O mesmo acontece com muitos empréstimos linguísticos, já que, em português, existem inúmeros vocábulos advindos de outras línguas e que sofreram o processo de nominalização nas suas línguas de origem, como é o caso de *desenvoltura* (do italiano *desenvolture*) e *brochura* (do francês *brochure*). Isso se deve ao fato de ambas as línguas serem de origem latina e também manterem esse afixo para fins lexicais.

Além disso, as autoras ainda abordam vocábulos como *tintura* como oriundos de formas participiais latinas cujas formas finitas não são mais usadas pelos falantes. Segundo elas, esse vocábulo, por exemplo, derivaria de *tinctum*, que seria o participípio passado do verbo *tingo* que caiu em desuso e, em seguida, a forma *tintura* viria para o português já assim constituída. Coelho (2009) também aborda algo similar em seu artigo, pois reconhece a existência de “raízes possíveis” para as nominalizações, ou seja, segundo a autora, alguns derivados surgiriam de verbos inexistentes na língua, mas que seriam completamente

³ A morfologia distribuída é uma teoria sintática, à medida que entende que é a sintaxe que maneja e rege livremente as raízes e os morfemas que, por sua vez, são entendidos como sendo categorias abstratas definidas por traços universais. Essa teoria se diferencia da abordagem lexicalista, pois não considera a existência de um léxico que rege a língua.

possíveis de serem realizados, como é o caso de *ratadura*, que, segundo a autora, poderia vir do particípio do verbo *ratar*, embora este não faça parte do léxico do português.

Rio-Torto (2005) aponta para o fato de *-ura* selecionar, preferencialmente, adjetivos com origem em particípios passados, sejam eles regulares (*dobradura*, *abotoadura*) ou não (*fritura*, *soltura*) preservando, assim, os segmentos /t/ e /d/ de seus radicais.

Portanto, podemos constatar que, embora pouco se fale sobre esse afixo e o número de estudos voltados para este formativo seja escasso, algumas questões são levantadas e resolvidas de diferentes formas, a depender do referencial teórico adotado. Nos próximos capítulos, observaremos o comportamento dos vocábulos do *corpus*, tentando responder algumas das questões levantadas por pesquisas anteriores a nossa.

2.3. Revisitando gramáticas históricas

Com base em revisão bibliográfica prévia, fez-se necessária a busca de mais informações sobre a origem do sufixo *-ura* e, para tanto, resolvemos verificar como o afixo é tratado nas primeiras gramáticas do século XX, com o intuito de constatar até que ponto nosso estudo seria relevante e desde quando que se volta o olhar para esse sufixo.

Dentre as gramáticas consultadas, a primeira que faz referência a *-ura* é a de Jucá Filho (1945). Em sua *Gramática Histórica do Português Contemporâneo*, o autor faz uma breve introdução sobre o que seriam os sufixos para depois listar os que ele considera importantes e existentes na língua portuguesa da época. Para Jucá Filho, os sufixos são sempre denotativos e podem ser divididos em auxiliares modificativos, conectivos subordinantes e conectivos superordenantes. Os primeiros são os que alteram o significado do radical, modificando sua significação fundamental (*-inho* em *carrinho*, por exemplo); os segundos, por sua vez, são os que transformam substantivos e verbos em adjetivos (*-udo* de *barrigudo* e *-(t)ivo* de *pensativo*); e os terceiros são os que alteram a classe gramatical do radical, passando-o de adjetivo a substantivo ou verbo (*-eza* de *beleza* e *-izar* de *legalizar*).

Ainda segundo o autor, a maioria dos sufixos são fonemas ou grupos de fonemas que vieram diretamente do latim e podem ser definidos como formas simples ou ampliadas, sendo estas as formas que agregam algum segmento às simples correspondentes. Dessa forma, o autor faz distinção entre *-ura* (forma simples) e *-tura* e *-dura* (formas ampliadas). Pode-se concluir, portanto, que autor define essas três formas como afixos diferentes, sendo o primeiro anexado a bases adjetivas e o segundo, a bases verbais. Embora não se estenda na análise das formações *X-ura*, a partir dessa separação entre formas simples e ampliadas, é possível

verificar a visão que o autor apresenta: caso considerasse a existência de apenas um afixo e interpretasse as consoantes /t/ e /d/ como resquícios do particípio, não diferenciaria *-ura* de *-tura* e *-dura*.

Em sua *Gramática do Latim Vulgar*, Maurer Jr. (1959) revela que, no Latim Clássico, o afixo *-ura* formava nomes tão somente a partir de bases do particípio, ou seja, somente se originava de bases tidas como verbais, como *censura* e *escritura*. Dessa forma, segundo o autor, seria uma inovação do latim vulgar a formação de nomes com bases adjetivas, que se disseminou para as línguas românicas, como o português (*candidatura*), o espanhol (*candidatura*), o francês (*candidature*) e o italiano (*candidatura*). O autor explica essa inovação do latim vulgar a partir da similaridade entre o particípio e o adjetivo, pois, considerando-se que essas formas verbais são, em grande parte, simples adjetivos, é fácil compreender como se deu essa mudança na categoria da base. Na verdade, ao se ligar a um particípio, o afixo estava também se ligando a um adjetivo devido a esse caráter da forma nominal. Sendo assim, a mudança categorial é uma inovação na língua, apesar de já esperada. Ilari (1992) retoma o autor e também afirma que o sufixo *-ura* se liga a bases verbais para formar um substantivo, porém não se aprofunda muito no tema, ao contrário de Maurer Jr. (1959).

O afixo *-ura* também é tratado por Said Ali em duas de suas gramáticas, sendo a primeira delas *Gramática Secundária da Língua Portuguesa* (1969) e a segunda, *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* (1971). O autor, assim como os demais já citados, considera que haja, na verdade, um sufixo que se liga a bases adjetivas e outros que se ligam a bases verbais, sendo eles *-dura*, *-tura* e *-sura*. Na primeira gramática em questão, o autor afirma que esses afixos são o resultado do acréscimo de *-ura* a temas do particípio passado que aglutinam essa consoante à do sufixo. Já na segunda, Said Ali (1971) ainda vai mais além, pois traz novas informações acerca dessas formas linguísticas. De acordo com o gramático, as consoantes *d*, *t* e *s* que iniciam os afixos *-dura*, *-tura* e *-sura* são consoantes incorporadas aos sufixos que se ligam a bases participiais. Além disso, o autor afirma que esses afixos se anexam a bases participiais para indicar nomes de ação e concorreram durante muito tempo com o afixo *-or*, cuja função precípua é formar nomes de agentes.

O autor ainda cita a extensão de sentido e de função do afixo *-ura*, pois o mesmo passa a designar objetos materiais, como é o caso de *ferradura*, *fechadura*, *abotoadura*. Isso se deve à polissemia natural da língua e também ao fato de haver, para fins lexicais, outros afixos nominalizadores e indicadores de nomes de ação, como *-ção* e *-mento*, por exemplo.

Dessa forma, pode-se perceber que o autor já intuía a polissemia do afixo e considerava relevante esse caráter no estudo da língua.

Outro ponto levantado por Said Ali (1971) é o fato de muitos vocábulos X-*ura* serem introduzidos na língua por via erudita, vindo diretamente do latim ou através de empréstimos linguísticos. Dessa forma, o autor explica como alguns verbos não fazem parte do português, embora seu substantivo respectivo seja um vocábulo corrente na língua, como é o caso do já citado *pintura*, que advém da forma verbal latina *pingo*. A possibilidade de se anexar o afixo *-ura* a bases adjetivas, como levantado por Maurer Jr. (1959), deve-se ao fato de ter sido perdida a relação que esses nomes tinham com os verbos de origem, já que muitos deixaram de fazer parte do léxico do português. Essa ligação a adjetivos já era possível no latim, porém, em português, aumentou consideravelmente, sobrepondo-se às formas de bases verbais.

Coutinho, em *Pontos de Gramática Histórica* (1978), faz um apanhado geral do que se entende por sufixação e como se caracterizariam os sufixos. No entanto, no que diz respeito ao afixo *-ura*, o autor não tece maiores considerações; apenas o cita como um sufixo nominal. Porém, é interessante notar que, diferentemente de Said Ali, por exemplo, Coutinho parece considerar *-ura*, *-tura* e *-dura* como variantes de um mesmo afixo, pois coloca-os juntos em uma listagem de afixos formadores de nomes em português. Além disso, o autor define *-ura* como um afixo que indica qualidade (*alvura*), objeto (*armadura*), ação ou resultado da ação (*varredura*), apontando para a polissemia do mesmo. No entanto, vale ressaltar que, ao juntar todas as variantes, o autor está considerando *-ura* um afixo polissêmico que se une a bases verbais, sendo o /t/, /d/ e /s/ resquícios da desinência de participio.

Outra visão sobre o afixo em estudo é a de Mendes de Almeida, em sua *Gramática Metódica da Língua Portuguesa* (1979). Para o autor, há apenas um afixo, porém com três diferentes funções na língua, diferentes acepções, a depender da base a qual se adjunge. Caso o afixo seja acrescido a um tema verbal, o derivado indicará ação ou resultado de uma ação, como em *captura*, *formatura*, *fritura*, *fervura*, dentre outros. Por outro lado, caso o afixo seja anexado a uma base adjetiva, o mesmo formará um substantivo abstrato que indica qualidade, estação ou situação, carregando consigo as características próprias dos adjetivos, como em *alvura*, *brancura*, *bravura* e *tontura*. Por fim, se o sufixo *-ura* se ligar a um substantivo, o mesmo resultará em uma palavra indicativa de exercício de algum cargo, como em *advocatura* e *magistratura*.

Faria (1995), por sua vez, classifica *-tura* como formador de substantivos derivados de temas verbais, indicando a ação ou o resultado de alguma ação, como *natura* que indica “ação de fazer nascer, natureza”. O autor ainda afirma que este é um sufixo complexo, pois é

formado por mais de um elemento sufixal acumulado devido à necessidade expressiva, ou seja, haveria dois afixos distintos anexados a uma mesma base a fim de passar o significado que se desejaria. Assim, os sufixos *-tu-* e *-su-*, simples, apareceriam com maior frequência unidos a outros elementos, formando diversos sufixos complexos, como, por exemplo, *-tura* que é formado por *-tu-* mais o sufixo *-ro-* em sua forma feminina *-a* (a forma masculina do afixo aparece no particípio do futuro verbal *-turus*, no latim).

Masip (2003) divide os sufixos da língua em transformadores e modificadores. A ideia do gramático é a de que temos um afixo transformador quando o mesmo é capaz de transformar a palavra-base e um sufixo modificador quando a única função é modificar a base no que diz respeito à quantidade – que é o caso dos aumentativos e diminutivos. Portanto, segundo o autor, o sufixo em questão seria classificado como transformador, pois seu acréscimo ao radical da palavra tem influência direta sobre a *forma* de um vocábulo. De acordo com ele, existem, então, quatro afixos distintos, *-dura*, *-sura*, *-tura* e *-ura*, sendo que os três primeiros se anexam a bases verbais para indicar o resultado ou instrumento de alguma ação coletiva (*fechadura*, *assinatura*) e o último significa “relativo a alguma coisa” (*chatura*).

2.4. Qual o caso do *-ura*: polissemia ou afixos distintos?

De acordo com o que foi apresentado anteriormente acerca da visão de alguns autores sobre o sufixo *-ura*, pudemos perceber que existem diferentes pontos de vista no que diz respeito a sua concretização, visto que alguns pendem para uma análise mais pautada na existência de afixos distintos, enquanto outros acreditam ser esse afixo polissêmico. Ainda pensando no que foi apresentado sobre a análise dos diferentes autores, podemos notar que as respostas à pergunta que dá título à seção são as mais variadas possíveis, já que alguns afirmam haver mais de um afixo (ROCHA LIMA, 2008), outros defendem a ideia de serem variantes fonológicas de um mesmo sufixo (COELHO, 2006) e, por fim, há autores que acreditam que o afixo *-ura* é único e que as consoantes /d/, /t/ e /s/ são resquícios das bases participais das quais derivam as nominalizações (FRANÇA & LEMLE, 2006; RIO-TORTO, 2005).

Assim, a partir da análise dos dados, podemos levantar três hipóteses detalhadas a seguir:

H₁: as palavras formadas a partir do sufixo *-ura* provêm de formas básicas do verbo;

H₂: as palavras formadas a partir desse afixo provêm do particípio latino;

H₃: independentemente de suas origens, as formações em português identificam *-ura* como sufixo formador de palavras com intensificação de qualidade, ignorando a base a qual se liga.

Podemos começar a análise pelo gramático Rocha Lima (2008) que inicia essa questão ao separar o afixo *-ura* em dois: o primeiro anexado a bases nominais e o segundo, a bases verbais, sendo este último representado pelas formas *-tura*, *-dura* e *-sura* e aquele representado somente pela forma *-ura*. Segundo essa visão, *-ura* formaria palavras como *tontura*, *finura*, *amargura* e *brabura*, enquanto a *-tura*, *-dura* e *-sura* caberiam palavras como *formatura*, *cavalgadura* e *censura*, nessa ordem. No entanto, analisar essas três formas como afixos diferentes faz com que ignoremos alguns fatores, como o caso da vogal temática, da relação entre adjetivos e participípios, além do fato de não haver necessidade de mais de um afixo na língua para expressar a mesma noção.

No que diz respeito à vogal temática, podemos retomar Coelho (2008), que defende a ideia de que o afixo *-ura* se une a bases participiais, sejam elas regulares ou não, justificando o fato de, em alguns casos, a vogal temática estaria presente, mas em outros, não. Como exemplo, podemos citar as palavras *abotoadura*, *feitura* e *soltura* que, caso derivassem de bases verbais em sua forma finita, ou seja, caso fossem interpretadas como derivadas da forma básica do verbo, entrariam em conflito na análise, pois na primeira teríamos a presença da vogal temática “a” e na segunda e terceira, não. Além disso, o caso de *feitura* é ainda mais difícil de ser interpretado como derivado de uma base verbal finita, já que, para isso, o derivado deveria ser *fazedura* e não *feitura*, pois o participípio desse verbo é altamente irregular, por fazer grandes alterações no radical da palavra-base. Sendo assim, fica claro que essa palavra derivou de *feito* e não da forma verbal *fazer*. Nesse caso, a explicação mais concreta seria a de que essas palavras derivam de verbos no participípio, fazendo com que a ausência da vogal temática na segunda e terceira palavras seja justificada pelo fato de ambas terem como base os participípios irregulares dos verbos *fazer* e *soltar*, respectivamente.

Além desse ponto de análise, outro fator que corrobora a visão dessas bases como participiais é o fato de que os participípios e adjetivos, apesar de pertencerem a categorias gramaticais diferentes, apresentam características similares e podem ser analisados da mesma forma, o que pode ser exemplificado pelo fato de alguns participípios serem utilizados como adjetivos em frases como “João é *atrasado*”. Nesse caso, o participípio do verbo *atrasar* está sendo usado como adjetivo para definir uma propriedade de João. Por esse motivo, é mais interessante analisar as bases como participiais e não como formas finitas do verbo, o que

levaria à formulação de um único esquema para a construção morfológica, como defenderemos nos capítulos de análise.

Além disso, podemos levar em consideração, também, para essa análise, um breve estudo histórico acerca do afixo, pois, segundo França & Lemle (2006), o fato de o afixo *-ura* se anexar a bases participiais no latim leva à constatação de que o mesmo ocorre nas línguas neolatinas, dentre elas, o português. Maurer Jr. (1959) também afirma que o sufixo *-ura* se anexava a bases participiais no latim clássico, sendo, portanto, uma inovação do latim vulgar a formação a partir de bases adjetivas. Dessa forma, assim como *-ura* se anexa ao participípio passado do verbo *assare* em latim, o mesmo afixo será anexado a bases participiais no português e em outras línguas neolatinas. Isso se deve ao fato de essas línguas manterem a relação existente entre o afixo e as bases desde o latim até hoje.

Dessa forma, podemos afirmar que os falantes, apesar de não terem conhecimento do latim e de onde se originou esse afixo, acabam por interpretar *-ura* como atribuidor de uma qualidade em relação a uma base predicativa, pois tanto os adjetivos quanto os participípios têm essa função predicativa na sintaxe da língua.

Ainda devemos levar em consideração o fato levantado por Rio-Torto (2005) de esse afixo selecionar bases adjetivas cuja origem sejam participípios passados. Por esse motivo, podemos comprovar, mais uma vez, que os segmentos em discussão – /t/, /d/ e /s/ – fazem parte dos radicais e não de um afixo diferente, ou seja, que as bases para esse afixo são os participípios dos verbos em questão.

Por fim, podemos discutir o fato principal que diz respeito à interpretação dos três segmentos citados. Caso interpretássemos as bases para esse sufixo como verbais em sua forma finita, teríamos de responder à pergunta equivalente à natureza desses segmentos, se são consoantes de ligação ou partes de outro afixo. No entanto, essa não parece ser uma resposta muito acessível, pois não há provas concretas para tal interpretação, ao contrário do que ocorre se interpretamos os segmentos /t/, /d/ e /s/ como parte das bases participiais.

Assim, voltando para as hipóteses levantadas anteriormente, podemos afirmar que todas elas podem ser verdadeiras a partir do ponto de vista que se levante. No caso da primeira hipótese, para que seja considerada verdadeira, seria preciso que se analisasse /t/, /d/ e /s/ como consoantes de ligação ou como parte de um novo afixo, no caso, *-tura*, *-dura* e *-sura*, respectivamente. No que diz respeito à segunda hipótese, pudemos comprová-la a partir dos argumentos apresentados anteriormente com base nas diferentes abordagens teóricas. Já a hipótese 3 pode ser também levada em consideração se olharmos para vocábulos formados a partir de bases substantivas e até mesmo adverbiais como *belezura* e *lonjura*,

respectivamente, apontando para o fato de o mais importante, em se tratando desse afixo, não está diretamente relacionado à natureza da base, mas sim à acepção que o mesmo veicula, já que existem outros afixos mais produtivos na língua com a mesma função de *-ura*.

Nesse último caso, podemos levar em consideração o fator bloqueio levantado por Aronoff (1976). Segundo o autor, o bloqueio pode ser considerado uma noção funcional, já que se trata da não aplicação de uma operação disponível na língua por já existir uma palavra no léxico para exercer a mesma função que exerceria a palavra a ser formada. Nesse caso, por mais produtiva que seja, uma operação morfológica não atua se já houver uma palavra formada a partir de outro afixo que exerça a mesma função; o falante não forma novas palavras com a mesma função que uma já existente na língua. Assim, no que diz respeito a *-ura*, a noção de bloqueio pode ser um importante instrumento de análise, visto que existem outros sufixos nominalizadores em português bem mais produtivos que *-ura* nessa função.

Os afixos *-ção* e *-mento* têm a função de formar nomes a partir de verbos para atribuir um significado mais ativo, mais centrado nas características predadoras do verbo, como amplamente estudado por Lemos de Souza (2010) e como veremos com mais detalhes no capítulo 3 a seguir. Já o afixo *-ura*, por sua vez, também teria como bases primárias os verbos, mas, por haver esses dois afixos com a mesma função, *-ura* se especializou e passou a se unir somente a bases predicativas, carregando consigo a função de atribuir qualidades e tendo por base não mais um verbo em sua forma finita prototípica, mas bases com significados mais qualificadores que predicadores. Assim, por mais que esse sufixo fosse produtivo em latim, em português deixa de ser, pois entra em competição com *-ção* e *-mento* e perde o seu significado de “ato / efeito”, mas continua se especializando quando o significado a ser atribuído tem relação com noções predicativas.

Portanto, podemos concluir que as formas variantes são, então, condensadas em uma única forma, *-ura*, visto que entendemos ser esse afixo anexado a bases participiais. Assim, as consoantes /t/, /d/ e /s/ seriam resquícios do particípio e não parte de um novo afixo. Além disso, adotamos essa visão por não ser econômico considerar que há afixos distintos quando as bases são verbais, já que as mesmas não são os verbos em suas formas finitas, mas sim em suas formas de particípio, adotando, pois, a visão de França & Lemle (2006) e Rio-Torto (2008). No entanto, como levantado nesta seção, também não podemos desconsiderar as outras visões já que, na língua, nada pode ser considerado completamente verdadeiro, pois tudo vai depender do ponto de vista pelo qual se está observando determinado fenômeno. Como afirma Saussure (1973, 135), “O ponto de vista determina o objeto”, indicando-nos que a análise de qualquer *corpus* permite infinitas interpretações, a depender da corrente de estudo

que se vá usar. Optamos, portanto, por essa interpretação por ser ela a mais adequada à análise que pretendemos desenvolver adiante.

3. Considerações finais

No presente artigo, buscamos apresentar as diversas visões acerca da nominalização a partir do afixo *-ura*, principalmente no que diz respeito à sua natureza. Apesar de reconhecer todas as possíveis análises, decidimos por interpretar esse formativo como um único afixo que pode se unir tanto a bases adjetivais quanto participiais, já que ambas possuem o mesmo caráter atributivo. Assim, não haveria diferença entre *-ura*, *-tura*, *-dura* ou *-sura*, já que as consoantes que os iniciam seriam, na verdade, resquícios do participípio e não parte do afixo em questão.

4. Referências bibliográficas

ALMEIDA, M. L. L. & GONÇALVES, C. A. V. “Aplicação da construction grammar à morfologia: o caso das formas X-eiro”. In: *Linguística*. (PPGL/UFRJ), v. 2, 2006, p. 229-242

ARONOFF M. **Word Formation in Generative Grammar**. Massachusetts: The MIT Press Cambridge, 1976

BASILIO, Margarida. “**Das relações entre texto, gramática e cognição: o foco na cognição**”. Texto apresentado no Encontro InterGTs da ANPOLL. Campinas: UNICAMP, 2011.

_____. “O princípio da analogia na constituição do léxico: regras são clichês lexicais”. In: **Veredas: revista de estudos linguísticos**. V.1, n.1, p. 9-21, 1997.

_____. **Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa**. Petrópolis: vozes, 1980.

_____. **Formação de classes de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Teoria Lexical**. São Paulo: Ática, 2007 [1987].

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOOIJ, G. **Construction Morphology**. New York: Oxford University Press, 2010.

_____. **The Grammar of words**. New York: Oxford University Press, 2005.

BUENO, Francisco da Silveira. **Grande dicionário etimológico, prosódico da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1967.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **História e estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CARONE, Flávia de B. **Morfossintaxe**. São Paulo: Ática, 1990.

COELHO, Livy Maria Real. "Uma Análise do Sufixo – *ura* com base na Morfologia Categorical". In: **Intertexto**. Uberaba: UFTM, 2008.

COUTINHO, Ismael de L. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

_____. **Pontos de Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

CROFT, William & CRUSE, D. Alan. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

CUNHA, Celso Ferreira da & CINTRA, Luis Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexicon Informática, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Eletrônico versão 5.12**. Curitiba: Positivo Informática, 2004.

FRANÇA, Aniela Improtta & LEMLE, Miriam. "Arbitrariedade Saussureana em foco". In: **Revista Letras**, n. 69. CURITIBA: EDITORA UFPR, 2006.

FREITAS, Horácio Rolim de. **Princípios de Morfologia**. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1997.

GONÇALVES, C. A. V. **Flexão e Derivação em Português**. 1. ed. Rio de Janeiro: Fac Letras/UFRJ, 2005.

_____, *et alii*. **Linguística Cognitiva em foco: morfologia e semântica do português**. Rio de Janeiro: Publit, 2010.

_____. **Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação em português**. São Paulo: Contexto, 2011.

_____ & ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de. de. "Das relações entre forma e conteúdo nas estruturas morfológicas do português". In: *Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, v. 4, p. 27-55, 2008.

HENRIQUES, Cláudio Cezar. **Morfologia: Estudos lexicais em perspectiva sincrônica**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Ed. Objetiva: 2001.

ILARI, Rodolfo. **Linguística Românica**. São Paulo: Ática, 1992.

JUCÁ FILHO, Cândido. **Gramática histórica do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: EPASA, 1945.

KEHDI, Valter. **Formação de palavras em português**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. **Morfemas do português**. São Paulo: Ática, 1999.

LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. **Manual de morfologia do português**. Campinas: Pontes; Juiz de Fora: UFJF, 1994.

LEMOS DE SOUZA, Janderson Luiz. **A distribuição semântica dos substantivos deverbais em -ção e -mento no português do Brasil: uma abordagem cognitiva**. (Tese de Doutorado) Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

LUFT, Celso Pedro. **Moderna Gramática Brasileira**. Porto Alegre: Ed. Globo, 1979.

_____. **Novo Manual de Português, gramática, ortografia oficial, redação, literatura, textos e testes**. 8. ed., São Paulo: Editora Globo, 1990.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1973.

MASIP, V. **Gramática Histórica Portuguesa e Espanhola**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 2003.

MAURER JR., Theodoro Henrique. **Gramática do Latim Vulgar**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

MENDES DE ALMEIDA, N. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Saraiva, 2005 [1979]

MONTEIRO, J. **Morfologia Portuguesa**. Campinas: Editora Pontes, 1988.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1955.

NEVES, Maria Helena de M. **A Gramática Funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PIZZORNO, Daniele Moura. **Polissemia da construção X-eiro: uma abordagem cognitivista**. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

RIO-TORTO, G. M. **"Organização de redes estruturais em morfologia"**. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4561.pdf>, 2005.

_____. **Morfologia derivacional: Teoria e Aplicação ao Português.** Porto: Porto Editora, 1998.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Estruturas morfológicas do português.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

ROSA, Maria Carlota. **Introdução à Morfologia.** São Paulo: Contexto, 2006.

SAID ALI, M. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1971.

_____. **Gramática Secundária da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1969.

SANDMANN, Antônio José. **Competência Lexical: produtividade, restrições e bloqueio.** Curitiba: Ed. da UFPR, 1988.

_____. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo.** Curitiba: Scientia et Labor: Ícone, 1988.

_____. **Morfologia Geral.** São Paulo: Contexto, 1997.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral.** São Paulo: Cultrix, 1973.

SILVA, Caio Cesar Castro da; VALENTE, Ana Carolina Mrad de Moura; GONÇALVES, Carlos Alexandre; ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de. “Percurso histórico das formações parassintéticas a-X-ecer e e/n/-X-ecer: produtividade e polissemia”. In: ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de M. L. L. de *et alii*. **Linguística Cognitiva em Foco: Morfologia e Semântica.** Rio de Janeiro: Publit, 2009.

SILVEIRA BUENO, F. de. **A formação histórica da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Saraiva, 1967.

Recebido em: 26.11.2014
Aceito em: 29.12.2014